

OS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NO DISCURSO ESPECIALIZADO *WEB-MEDIATED**

GIAN LUIGI DE ROSA¹, FRANCESCO MORLEO²

¹UNIVERSITÀ DEGLI STUDI ROMA TRE, ²UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI “L’ORIENTALE”

Abstract – This paper focuses on interactional discourse markers in web-mediated Discourse. This investigation will focus on a diamesic variety: Brazilian web-mediated academic speech. The aim of this analysis is to reveal a certain mixture of written and spoken language in Specialized Discourse (even when it is planned) and to outline the presence of a continuum between technical-scientific and nonstandard variety as regards Brazilian Portuguese. After an analysis of discourse markers based on scientific literature about them, our results are presented. The outcomes show that interactional DMs are preferentially employed in the Brazilian web-mediated Specialized Discourse characterized by less stylistic monitoring control.

Keywords: Discourse Marker; Interactional Discourse Marker; Sociolinguistic Variation; Specialised Discourse; Functions of Discourse Markers.

1. Considerações iniciais

Os Marcadores Discursivos (de agora em diante MDs) são dispositivos linguísticos que auxiliam quem produz a mensagem a articular o discurso para que o valor ideacional da própria mensagem chegue ao destinatário. O presente trabalho pretende analisar os MDs basicamente interacionais no português brasileiro (PB), cuja função de orientação da interação, segundo Risso (1999), Risso, Silva e Urbano (2006, 2015), é desempenhada por qualquer expressão linguística em maior ou menor grau de intensidade. A análise circunscreve-se a uma amostra de fala acadêmica transmitida, uma linguagem especializada (LSP) marcada por diamesia,¹ sendo mediada pela web, em que se registram interferências da gramática neo-standard, cuja consequência é o esboço de um *continuum* entre o PB técnico-científico e PB neo-standard (De Rosa 2020a, 2020b).

É preciso evidenciar que na fala acadêmica *web-mediated*, que deveria ser altamente monitorada e apresentar usos gramaticais standard,² se registra o “embate entre a gramática da fala e da escrita” (Duarte 2020, p. 132) pelo fato que encontramos traços linguísticos da gramática das variedades cultas urbanas (PB neo-standard), que atestam a

* As seções 2 “O Discurso Especializado *web-mediated*” (e suas subseções), 3. “O Corpus de Fala Acadêmica Monitorada PB-FAM” (e suas subseções), a subseção 4.4 “Os Marcadores basicamente interacionais” e a seção 5 “Resultados e discussão” (e suas subseções) são de autoria de Gian Luigi De Rosa. A seção 4 e a subseção 4.1 “Abordagem textual-interativa dos MD” são de autoria de Francesco Morleo; a subseção 4.2 “Os Marcadores Interacionais”, as Considerações iniciais e as Considerações finais foram escritas pelos dois autores.

¹ Por *variação diamésica* entenda-se a capacidade de uma língua de variar conforme o meio e o canal de transmissão utilizado, seja ele escrito (gráfico-visual) ou falado (fônico-acústico), em um *continuum* Fala-Escrita.

² De fato, hoje em dia, o PB standard pode ser considerada uma variedade marcada tanto pelo uso e âmbito de uso, sempre mais circunscrito à modalidade escrita e formal da língua, quanto pelo número limitado de usuários que empregam e dominam essa variedade.

situação diglôssica que interessa a maioria dos locutores do PB. Essa diglossia se reflete na fala e na escrita dos falantes cultos urbanos brasileiros, em contextos monitorados e não, em que se registra esse embate entre usos gramaticais endógenos (PB neo-standard) e regras gramaticais exógenas (PB standard) (De Rosa 2011; Duarte 2020; Duarte *et al.* 2018, 2020; Duarte, Serra 2015; Faraco 2008; Tarallo 1993).

Portanto, dentro da abordagem da Gramática Textual-interativa (Jubran e Koch, 2006; Jubran, 2007), focaremos a nossa atenção mais especificamente sobre a tipologia e as características dos MDs basicamente interacionais (Risso *et al.* 1996, 2006, 2015; Urbano 2006, 2015) encontrados na nossa amostra e suas funções no Discurso Especializado *web-mediated*.

A análise quantitativa está baseada numa amostra de fala acadêmica transmitida – o Corpus de Fala Acadêmica *web-mediated* PB-FAM – formada por vídeos semidivulgativos mediados pela web em que pesquisadores e professores brasileiros divulgam “pílulas” de conhecimento acadêmico. Se trata de eventos comunicativos planejados que têm uma duração inferior aos 20 minutos e nos quais o locutor/speaker utiliza recursos multimodais e uma LSP.

A fala acadêmica transmitida, sendo uma LSP, é identificada principalmente pela dimensão de variação diatemática, conforme o conteúdo, pela dimensão de variação diamésica, conforme o meio, o canal de transmissão utilizado e a modalidade de língua empregada, se falada, escrita ou transmitida (no nosso caso *web-mediated*), e pela dimensão de variação diafásica – ligada à situação comunicativa e à relação entre os interlocutores – que determina a escolha de um determinado registro linguístico (formal/informal) ou traços léxicos/sintáticos específicos.

Com tal propósito, fizemos uma distinção dentro do nosso corpus, destacando um subcorpus FALA-FALA (vídeos semidivulgativos em que o locutor/speaker não utiliza um texto escrito de apoio para sua fala) e um subcorpus FALA-ESCRITA (o locutor/speaker utiliza um texto escrito de apoio para sua fala).

Este artigo organiza-se da seguinte forma: na seção 2 (e suas subseções), apresentamos os pressupostos teóricos em que se apoia nossa análise, discutindo as características do Discurso Especializado e da Linguagem Especializada e colocando os vídeos semidivulgativos *web-mediated* ao longo de um *continuum* dos tipos textuais [\pm rígidos] (Sabatini 1990, 2016; Sobrero 2006) e de um *continuum* dos gêneros textuais [\pm monitorados] (Bortoni-Ricardo 2005; Marcuschi 2008; Orsini *et al.* 2018); na seção 3 (e suas subseções), reunimos informações referentes aos procedimentos metodológicos, como a constituição da amostra; na seção 4 (e suas subseções), descrevemos os aspectos linguístico-pragmáticos para a análise dos MDs; na seção 5, apresentamos a discussão dos resultados e, por fim, as nossas considerações finais.

2. O Discurso Especializado *web-mediated*

O termo Discurso Especializado está gradualmente substituindo (e incluindo) outros termos-etiqueta que, a partir do âmbito das chamadas línguas especiais, línguas de especialidade ou linguagens especializadas, inicialmente forneceram diretrizes para vislumbrar esta área de pesquisa.

Quando se fala de Discurso Especializado, se contemplam todos os aspectos e as várias relações que se desenvolvem entre ‘matéria-língua-corpo-ação-diálogo-atores’ nas mais várias interações, sendo que o Discurso Especializado é definido como ‘língua-em-textos-em-situações-em-contextos culturais’, portanto, como fruto de integração de

diferentes componentes que devem ser considerados em interação na análise das manifestações linguísticas especializadas (Cavagnoli 2007, p. 17).

O uso do termo Discurso Especializado resulta bastante apropriado por implicar a ideia de dois *continua*: o primeiro *continuum* permite visualizar uma variedade de textos, escritos, orais e transmitidos, que circulam nos âmbitos de especialização (Sabatini 1990, 2016; Sobrero 2006); o segundo é um *continuum* tipológico, que vai do [+formal] ao [-formal], e pode ser utilizado, considerando grau de monitoração estilística e de controle, para os gêneros textuais *web-mediated*, conforme a tipologia do gênero (Bortoni-Ricardo, 2005; Marcuschi 2008; Orsini *et al.* 2018).

O primeiro *continuum* aponta claramente para a heterogeneidade que caracteriza o Discurso Especializado, abrangendo:

- um nível científico: textos mais "especializados" destinados exclusivamente a especialistas (especialista/especialista);
- um nível semidivulgativo: aqueles textos que poderiam ser classificados claramente como popularização científico-didática para formar públicos (âmbito didático) e;
- um nível divulgativo: textos que são claramente informativos em si mesmos, voltados para o público em geral (especialista/leigo) (Dardano 2008; Gotti 1991; Gualdo, Telve 2012; Sabatini 1990, 2016; Sobrero 2006).



Figura 1

Continuum Rigidez-Elasticidade e Comunicação Científica-Divulgação
(Sabatini 1990, 2016; Sobrero 2006).

Quanto ao segundo *continuum*, conforme Marcuschi (2008), os gêneros textuais são inúmeros e se definem pela sua função sociocomunicativa, sendo dispostos ao longo de um continuum tipológico, que vai do [+formal] ao [-formal], independentemente de serem orais, escritos ou transmitidos. Esse *continuum* pode ser utilizado, claramente, para um gênero textual como o dos vídeos semidivulgativos *web-mediated*, considerando o grau de monitoração estilística e de controle, conforme a tipologia do gênero, por parte do locutor/speaker. De fato, se trata de uma perspectiva que associa o *continuum* tipológico dos gêneros textuais de Marcuschi (2008) à proposta de Bortoni-Ricardo (2005), que defende que todas as escolhas linguísticas são também condicionadas pela variável grau de monitoração estilística (Orsini *et al.* 2018).

Continuum Gêneros Web-Mediated, conforme o grau de monitoração estilística

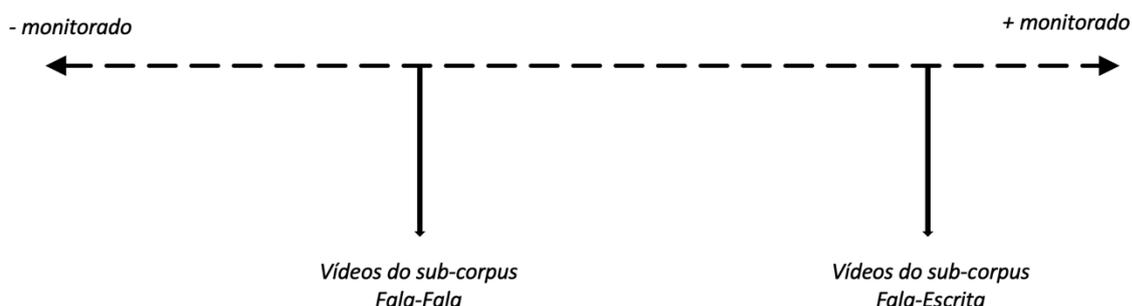


Figura 2

Continuum Gêneros Web-Mediated, segundo o grau de monitoração estilística
(Bortoni-Ricardo 2005; Marcuschi 2008; Orsini *et al.* 2018)

Situamos, na posição mais à esquerda do *continuum*, os vídeos semidivulgativos *web-mediated* do sub-corpus FALA-FALA, enquanto na posição mais à direita situamos os vídeos do sub-corpus FALA-ESCRITA, que refletem maior preocupação com a norma padrão e suas regras, devido ao fato de se tratar de uma tipologia textual [+monitorada], porque o locutor, como dissemos, utiliza um texto escrito de apoio para sua fala.

Neste nosso trabalho utilizaremos tanto o termo Linguagem Especializada (LSP),³ quanto o termo Discurso Especializado, entendendo por Discurso Especializado uma noção pragmática, onde o interesse e a atenção são direcionados para as condições de sua produção, para o projeto e para as motivações de quem elabora o discurso, enquanto por LSP entendemos uma noção essencialmente linguística. Conforme Gotti (1991, p. 8), uma LSP é uma variedade funcional de uma língua natural que depende da presença de três elementos:

- usuários especializados (especialistas);
- esfera de atividades/realidade específica/âmbitos e setores de saberes aos quais nos referimos;
- emprego especializado da linguagem.

De fato, é na comunicação científica que se realiza entre usuários especializados (especialista/especialista), relativamente a âmbitos de saberes e atividades especializadas, que uma LSP é empregada na sua completude.

Quanto às dimensões de variação, as LSP se articulam em cinco dimensões de variação. As duas principais são a dimensão horizontal, ou melhor, diatématica, baseada nos conteúdos, que destaca os setores e os subsetores disciplinares, e a dimensão vertical, ou melhor, diafásica, definida pelos registros, que destaca os diferentes níveis identificados pela situação comunicativa, pelas finalidades e funções da mensagem, pelo contexto em que ocorre o intercâmbio linguístico e pela tipologia textual (Cortelazzo 1994; Gualdo 2019, p. 57).

³ Decidimos usar o termo-etiqueta Linguagem Especializada e não Língua Especial/Especializada, porque uma Linguagem Especializada contempla e pode expressar conceitos também através de meios não verbais: tridimensionais e bidimensionais (instrumentos, modelos e mapas); simbólicos, como fórmulas e suas combinações ou os códigos alternativos como o Morse ou o Braille; icônicos como diagramas e gráficos, ilustrações, animações e vídeos.



Figura 3
As LSP e as dimensões de variação principais

As outras três dimensões que ajudam a definir a fisionomia das LSP são:

- a dimensão de variação diacrônica (a evolução no tempo);
- a dimensão de variação diatópica (variação entre diferentes áreas linguísticas, relevante quando o objeto de análise é uma língua pluricêntrica como o português) e;
- a dimensão de variação diamésica, que destaca os canais utilizados para o Discurso Especializado.

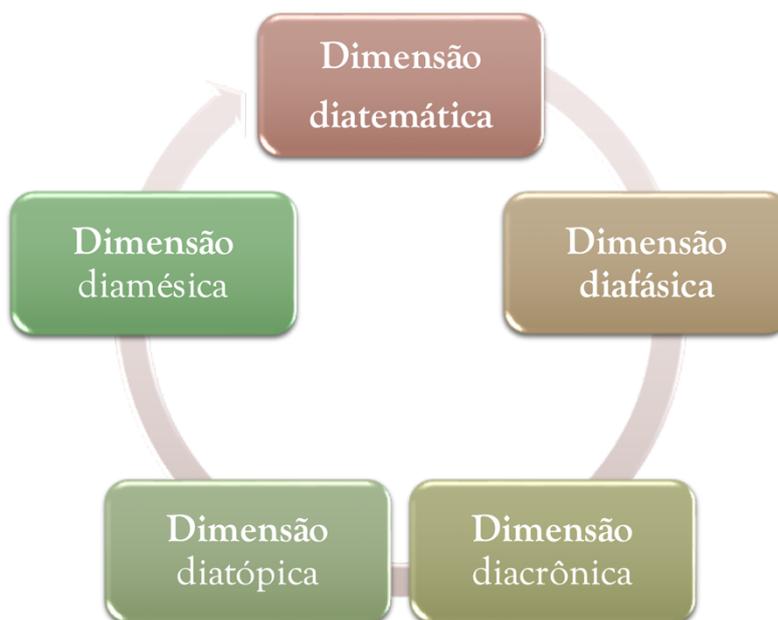


Figura 4
As LSP e as dimensões de variação principais e secundárias

Quanto aos vídeos semidivulgativos que analisamos, já evidenciamos que se trata de eventos comunicativos mediados pela web, nos quais os speakers podem utilizar recursos

multimodais e uma variedade diamésica que, no específico do nosso caso, pode ser considerada uma LSP devido ao seu alto grau de especialização e pelo fato de apresentar um léxico específico e especializado assim como modalidades próprias para a formação de neologismos ou para a estruturação dos textos (Sobrero 2006, p. 239).

De fato, a fala acadêmica monitorada de um gênero híbrido semidivulgativo, pela tipologia textual e pelas funções textuais, caracteriza-se pelo uso de uma linguagem supostamente monorreferencial, na qual a univocidade de conceitos é pretendida⁴. Projeta-se o texto para que apenas um significado por termo seja admitido, sem qualquer presença de sinônimos para evitar ambiguidades e para garantir a absoluta clareza do conteúdo.⁵ Desta forma, tenta-se assegurar uma clareza de conceitos, que são percebidos de forma direta e imediata.

2.1. Uma Linguagem Especializada

A fala acadêmica transmitida pela web, sendo uma LSP, é identificada principalmente pela dimensão de variação diatemática - pelos conteúdos - e pela dimensão de variação diafásica - ligada à situação comunicativa e à relação entre speaker e destinatários - que leva à escolha de um determinado registro linguístico (dentro do *continuum* formal-informal) ou de traços léxicos/sintáticos específicos. Todavia, sendo uma fala acadêmica transmitida pela web, a dimensão de variação diamésica, conforme o meio, o canal de transmissão utilizado e a modalidade de língua, resulta ser fundamental para poder analisar essa variedade linguística.

Tratando-se de uma LSP, podemos pressupor - pelo gênero, pela tipologia e pelas funções textuais em que ela é empregada - que a fala acadêmica monitorada deveria apresentar as seguintes características:

- 1) alto nível de monitoramento e controle na articulação do discurso. Portanto, não deveriam se registrar traços característicos da fala espontânea, como: repetições, falsos começos, reformulações, marcadores discursivos etc.;
- 2) registro formal ou semiformal;
- 3) amplo uso de terminologia técnico-científica de alta e altíssima especialidade;
- 4) enunciados textuais organizados e construídos como frases-tipo e com todas as valências verbais satisfeitas.

Analisando a nossa amostra, emerge que só a 2ª característica (registro formal ou semiformal) e a 3ª (amplo uso de terminologia técnico-científica setorial) resultam satisfeitas em todos os textos. De fato, isso confirmaria o fato de as LSP, que até algumas décadas atrás eram predominantemente escritas e altamente padronizadas, estão sendo atualmente influenciadas pelo meio/canal de transmissão, assumindo traços de uma gramática neo-standard. Gualdo (2019, p. 61) afirma que a escolha de um estilo brilhante e menos “rígido” para gêneros audiovisuais e tipologias textuais de nível divulgativo é condicionada por pelo menos três fatores diferentes:

⁴ “Molto spesso, infatti, la divulgazione presso il grande pubblico delle conoscenze scientifiche si scontra con un problema di fondo, cioè con la radicale differenza tra la lingua scientifica (in particolare il lessico, che risponde al requisito della massima individuazione e soggiace ad un rapporto biunivoco con il referente) e la lingua comune (che a causa del suo carattere polisemico e vago può essere equivoca)” (Cortelazzo 1994, pp. 28-29).

⁵ Todavia, somos conscientes que as palavras são naturalmente medidas de sentido e que não portam todo o sentido pretendido, mesmo nos textos rígidos nos quais se empregam línguas especiais. Apesar da suposta univocidade, nem sempre a interpretação pragmática do destinatário é 100% recuperável.

- a) a função de entretenimento, que nos gêneros audiovisuais é dominante sobre a função didática;
- b) a influência das formas de sociabilidade no uso das novas mídias e, finalmente;
- c) o sucesso do modelo comunicativo de ensino das línguas de origem anglo-americana, que também na Itália está tomando seu lugar ao lado do modelo descritivo-prescritivo em muitos contextos de ensino.

Isso explicaria o fato de se registrarem na fala acadêmica transmitida pela web uma série de construções e de fenômenos sintáticos próprios do PB neo-standard⁶. De fato, na maioria dos textos analisados, no que se refere à organização e à construção dos enunciados textuais, nem sempre se registram características de frases-tipo e nem sempre as valências verbais ficam satisfeitas além da presença de repetições, falsos começos, reformulações e um abundante uso de Marcadores Discursivos.

3. O Corpus de Fala Acadêmica Monitorada PB-FAM

A análise quantitativa e qualitativa está baseada numa amostra de PB acadêmico *web-mediated* extraída do Corpus de Fala Acadêmica Monitorada PB-FAM⁷, tanto do subcorpus FALA-FALA, quanto do subcorpus FALA-ESCRITA.

Os textos acadêmicos mediados pela web que formam a nossa amostra são 54: 29 do subcorpus FALA-FALA e 25 do subcorpus FALA-ESCRITA.

Quanto à amostra que utilizamos para a nossa análise, é necessário salientar que não restringimos a escolha aos textos do subcorpus FALA-FALA, porque consideramos relevante registrar a tipologia e a difusão desse fenômeno discursivo nos textos do subcorpus FALA-ESCRITA, estilisticamente mais monitorados.

4. Os marcadores discursivos

Os Marcadores discursivos podem ser definidos como dispositivos linguísticos que ajudam o falante na elaboração da própria mensagem na interação dialógica⁸. O nome dado a estes dispositivos não é partilhado por todos os investigadores e, em geral, as várias designações refletem diferentes posições teóricas. Encontramos estes itens pragmáticos sob vários rótulos: em inglês, como *discourse connectives*, *discourse operators*, *discourse particles*, *discourse signalling devices*, *phatic connectives*, *pragmatic expressions*, *pragmatic formatives*, *sentence connectives* (Fraser 1999; Risselada, Spooren 1998); *marcatori discorsivi*, *segnali discorsivi*, para a língua italiana (Bazzanella 1994, 1990,

⁶ O PB neo-standard é a variedade de PB de uso comum, empregada por locutores cultos urbanos brasileiros e que pode se considerar como um novo standard em formação, cujas construções, formas e realizações mais salientes se registram também nos gêneros textuais falados e escritos mais monitorados.

⁷ As “pílulas” de conhecimento acadêmico semidivulgativo que compõem o Corpus de Fala Acadêmica Monitorada PB-FAM são extraídas de canais oficiais do canal Youtube: o canal Science Rocks (<https://www.youtube.com/@sciencerocksuff1250/videos>), o canal da Encidis (<https://www.youtube.com/@encidis>) e a série “O que é isso?” do canal Ciência na rua (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLO6jpSMYACyrE0b1b7C0YFmzgT2qVbTIP>).

⁸ Podemos considerar a troca dialógica como um trabalho (em conjunto) composto por negociações de significados entre os interlocutores.

2001); *marcadores conversacionais e marcadores discursivos*, para a língua portuguesa (Lopes 2016; Preti 1987);⁹.

No âmbito do português brasileiro, focando apenas na língua falada, Marcuschi (1989) divide os MDs em três grandes grupos: verbais, não verbais e suprasegmentais. Ao primeiro grupo, os verbais, pertenceriam palavras e expressões, deixando para os outros dois grupos aproximativa e os traços prosódicos. Galembek, Silva e Rosa (1990, p. 71) também enfatizam o aspecto interacional do discurso oral quando consideram “marcadores conversacionais” os dispositivos linguísticos “que permeiam a linguagem falada para proceder a abertura, continuidade e fechamento de um ato conversacional”. Os autores continuam frisando a importância desses elementos linguísticos “para marcar a pontuação e mudança de assunto ou tópico; para marcar mudança de interlocutores, para despertar nestes interesses e curiosidades e para reforçar os pensamentos expostos, tornando a linguagem falada dinâmica e expressiva (Galembek *et al.* 1990, p. 71). Embora Schiffrin (1987), dentro de sua análise *coherence-based*, fale de “elementos sequencialmente dependentes que colocam entre parênteses unidades de conversação”, ela posteriormente os define: “linguistic, paralinguistic, or non-verbal elements that signal relations between units of talk by virtue of their syntactic and semantic properties and by virtue of their sequential relations as initial or terminal brackets demarcating discourse units”, indicando, portanto, esses dispositivos como algo ligado à interação e não apenas à construção do discurso como elaboração textual (Schiffrin 1987, p. 40).

Sem dúvida alguma, os MDs contribuem para a coerência da fala – do ponto de vista textual – ao estabelecer múltiplas coordenadas simultâneas, facilitando assim a integração, a coesão, de vários componentes da fala e da conversação. Assim sendo, cada marcador está associado principalmente: i) a um dos planos de conversação; ii) com o locutor e/ou com o interlocutor; iii) com o cotexto. A definição de MDs fornecida por Schiffrin (1987) encontra um desenvolvimento na obra de Bazzanella (1995, 2008), que define esses dispositivos semânticos e pragmáticos como elementos que conectam várias partes do discurso, tornando o texto coeso e coerente tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral. Em uma conversa, os papéis de falante e ouvinte – os seus turnos conversacionais – juntamente com outros elementos não linguísticos, fazem parte da mesma trama: texto e contexto se modificam numa relação simbiótica (Bazzanella, 2008). Assim, o texto (i.e., os elementos frasais) está interligado ao contexto em um espaço cognitivo específico. O contexto, o cotexto e o texto estão interligados por aspectos textuais, cognitivos e situacionais. Por essa razão, além de funcionar em diferentes níveis de discurso – ideacional, interpessoal, textual – os MDs podem operar em nível global e local (Kyratzis, Ervin-Tripp, 1999) conectando, como diz Bazzanella (2008), elementos fráasicos, interfrásicos e extrafrasais.

I [marcatori] discorsivi sono quegli elementi che, svuotandosi in parte del loro significato originario, assumono dei valori aggiuntivi che servono a sottolineare la strutturazione del discorso, a connettere elementi frasali, interfrasali, extrafrasali e a esplicitare la collocazione dell'enunciato in una dimensione interpersonale, *sottolineando la struttura interattiva della conversazione* (Bazzanella 1995, p. 225; itálico nosso).

Iremos aprofundar este aspecto a seguir, antecipando, no entanto, que podem atuar como dispositivos discursivos: operadores de coordenação, operadores de coordenação

⁹ Para citar apenas três línguas em que esses operadores foram analisados.

adverbial, advérbios frasais, interjeições, sintagmas verbais, sintagmas preposicionais e expressões frasais: elementos oriundos de todas as categorias gramaticais.

Falando em funções pragmáticas, textuais e cognitivas desses dispositivos linguísticos, torna-se necessária uma subdivisão interna do grupo dos MDs. Para isso, é possível observar, em vários autores, uma distribuição dos MDs em dois grupos, um mais integrado aos componentes ideacionais e textuais da mensagem, o outro mais vinculado ao componente interpessoal do sistema linguístico.

No presente trabalho, na linha de Risso, Silva e Urbano (1996, 2006), que fornecem uma descrição detalhada dos MDs, iremos dividi-los em dois grupos: MDs (basicamente) sequenciadores e MDs (basicamente) interacionais¹⁰. No que se refere à uma distinção funcional, os MDs que enfatizam a articulação tópica – manutenção, expansão, movimentação, abertura, fechamento – são denominados (basicamente) sequenciadores, enquanto os MDs que privilegiam a negociação de relações intersubjetivas, orientando aspectos interacionais, são denominados (basicamente) interacionais¹¹.

A esse propósito, podemos afirmar que os MDs (basicamente) sequenciadores são mais característicos da escrita, enquanto os MDs (basicamente) interacionais são mais característicos da fala. Quando um elemento possui uma função textual, é responsável por organizar o tópico discursivo; quando possui um valor interativo, é responsável pela organização dos turnos conversacionais e está ligado ao gerenciamento da própria interação.

Os MDs sequenciadores desempenham funções textuais quando atuam na organização do conteúdo informacional do discurso – neste caso, integram-se aos componentes ideacionais e textuais da língua, operando em um nível hierarquicamente superior ao da frase (Lopes 1997). Funcionam para a abertura de tópicos e de digressões; o fechamento de tópicos e de digressões; o estabelecimento de continuidade textual; a marcação de reformulação (paráfrase ou correção); a organização de segmentos tópicos. Funcionam como mecanismos de coesão textual, estabelecendo algumas relações semânticas e entre diferentes unidades discursivas, funcionando como dispositivos de abertura, expansão, retomada e encerramento de tópicos, bem como para a distinção de estruturas de figura e fundo (ou seja, para enfatizar uma parte da mensagem em relação ao resto). Conforme mencionado anteriormente, algumas formas típicas que desempenham essas funções são: *agora, então, e, mas, aí, ou seja, enfim, em resumo, quer dizer, contudo, além disso, de fato, ao contrário, pelo contrário, portanto, quer dizer, de qualquer modo, já*, entre outras.

Os MDs interacionais desempenham funções interacionais, quando atuam no processamento da interação conversacional, quando desempenham funções que surgem diretamente da relação face a face entre os interlocutores, integrando assim o componente interpessoal da linguagem. Exemplos deste grupo são *então, isso, nossa, bem, bom olha, ouve lá, certo?, escuta, viu?, pois, por favor, olha, né?, eu acho o seguinte, entendeu? É isso aí*, e assim por diante.

¹⁰ Morleo (2018) propõe uma visão dos MDs como conjunto de elementos composto por dois grupos inferiores, um mais votado para a elaboração discursiva (os sequenciadores) – que podemos chamar conectivos discursivos (CDs) – e outro mais votado para o nível interpessoal da língua (os interacionais) – e que podemos etiquetar como marcadores interacionais (MI).

¹¹ Um emaranhado de possibilidades tão intrincadas só pode ser desemaranhado definindo fala e escrita, fala e conversação (Sansò 2020).

4.1. **Abordagem textual-interativados MD**

Em uma abordagem textual-interativa, os MDs consistem em uma categoria gradiente, de caráter multifuncional, que opera textualmente, na sequenciação tópica, e/ou interacionalmente, na negociação de aspectos intersubjetivos que envolvem os participantes de um evento comunicativo (Risso 1999; Risso *et al.* 2006, 2015; Urbano 2006, 2015). A Abordagem Textual-Interativa aborda a classe dos MDs a partir de dez variáveis:

1. Frequência de recorrência
2. Articulação de segmentos discursivos
3. Orientação da interação
4. Relação com o conteúdo proposicional
5. Transparência semântica
6. Apresentação formal
7. Integração sintática em termos de estrutura oracional
8. Demarcação prosódica
9. Autonomia Comunicativa
10. Massa fônica

Com o objetivo de evidenciar algumas características dos MDs Prototípicos, podemos afirmar que as variáveis 2 – articulação de segmentos discursivos – e 3 – orientação da interação – podem ser consideradas centrais no que concerne à funcionalidade dos MD.

Em termos de prototipia, no que se refere às outras variáveis evidenciadas, consideram-se prototípicas:

1. a alta frequência;
2. o fato de ser exterior ao conteúdo proposicional;
3. a transparência semântica parcial;
4. a independência sintática;
5. a presença de demarcação prosódica;
6. a não autonomia comunicativa;
7. a massa fônica leve (até três sílabas tônicas).

A variável 6 – apresentação formal (forma fixa versus forma variável) – foi considerada pela Abordagem Textual-Interativa como irrelevante em termos do estabelecimento de prototipagem (Fischer 2006). Portanto, podemos considerar os MDs, prototipicamente, como expressões com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, com transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomas, com até três sílabas e com função de sequenciamento tópico e/ou de sequenciamento e orientação da interação (Guerra, 2007; Penhavel 2010; Penhavel, Guerra 2011; Risso 1996; Risso *et al.* 2006, 2015; Urbano 2006, 2015).

Em harmonia com Pinto de Lima (*apud* Faria 1996, p. 421), é possível estabelecer princípios gerais sobre todos os MDs (tanto sequenciadores como interacionais). A primeira peculiaridade é a conectividade, ou seja, sua capacidade de conectar enunciados ou outras unidades discursivas. Para Fraser (1996), por exemplo, um MD é uma expressão que sinaliza a relação entre a mensagem básica e o discurso anterior (ver também Fraser 2006). A definição funcional de “elementos sequencialmente dependentes que colocam entre parênteses unidades de conversação” (Schiffrin 1987, p. 31) também reflete a conectividade como uma característica básica. Como foi argumentado acima, os MDs são

elementos que trabalham para a coesão – esta é uma propriedade interpretada como uma condição necessária. As definições de Schiffrin e Fraser especificam que os MDs, ao vincularem duas unidades textuais, contribuem para a coerência entre enunciados, enquanto outros estudiosos, como Blakmore (1987) e Lenk (1998), baseados na Teoria da Relevância, afirmam que é preferível não conceber os MDs como elementos que ligam dois segmentos do texto, mas como elementos que estabelecem uma relação entre o conteúdo proposicional, expresso pela sentença em andamento, em relação aos pressupostos que podem ou não ser expressos por uma sentença anterior ou posterior. É fácil compreender como as diferentes análises podem se reunir em uma visão dos MDs como elementos que tornam o texto coeso e coerente em seu contexto, seja num discurso escrito ou numa interação cara a cara.

Outra característica dos MDs é a opcionalidade, ou seja, eles não ampliam as possibilidades da relação semântica dos elementos que associam, pois se um MD for omitido, a relação que ele sinaliza ainda estará à disposição do interlocutor (embora não mais explicitamente sugerida). Os MDs mostram e/ou refletem as conexões proposicionais existentes e orientam o ouvinte para a interpretação correta, excluindo as várias interpretações irrelevantes (ou seja, não criando estruturas, mas limitando-se a destacar a interpretação correta dentre as várias possíveis). Em geral, é possível dizer que qualquer relação é possível sem marcadores, mas apenas uma relação é possível diante de um marcador e que cada MD possui uma série de valores semânticos, ou funções, que nos permitem prever o significado de uma dada mensagem.

Outro aspecto importante que caracteriza os MDs é que eles não contribuem para as condições de verdade de uma afirmação. Trata-se de uma característica interessante porque os MDs, no que dizem respeito à participação no conteúdo proposicional, encontram-se divididos. Os MDs basicamente interacionais, sendo instrumentos do ato linguístico, não se enquadram no conteúdo proposicional e permanecem externos ao valor semântico de uma frase, não fazendo parte da frase, como se verifica através da análise das propriedades sintáticas relativas à interrogabilidade, substituição por pró-forma e eliminabilidade. Os MDs basicamente sequenciadores, por sua vez, ao mesmo tempo que criam interpretações coerentes e funcionam como elementos de coesão, participam do conteúdo proposicional, ainda que de forma variável.

- 1) Eu prometo que vou estudar.
- 2) Portanto, prometo que vou estudar.
- 3) Sim, prometo que vou estudar.
- 4) Puxa vida! Eu prometo que vou estudar!

O conteúdo proposicional é sempre o mesmo: “vou estudar”. Para além do valor contextual que os itens marcados podem atuar na produção, o valor proposicional não se altera. Nos casos 2, 3 e 4 é o contexto interacional que muda.

Entre as características dos MDs há também a capacidade dêitica, uma vez que os marcadores fornecem as coordenadas contextuais em que uma frase é produzida e interpretada. Os MDs sequenciadores oferecem ao destinatário da mensagem uma interpretação frasal permitindo conexões anafóricas e catafóricas, portanto textuais, e facilitam a posição intelectual de quem produz a mensagem em relação às partes que o conector une: *ao invés, de todo modo, pois*, indicam claramente uma ligação intra-frasal com diferentes valores semânticos.

Resumindo, essa classe ‘elusiva’ é caracterizada por uma dificuldade taxonômica, por sua polifuncionalidade sintagmática e paradigmática, por sua sensibilidade ao contexto e ao contexto e por ser externa ao conteúdo proposicional. MDs são opcionais e não

alteram as condições de verdade proposicional nas sentenças que constroem, mas isso não significa que não sejam portadores de significado (Fuller 2003).

4.2. Os Marcadores Interacionais

Diferentemente dos MDs basicamente sequenciadores que têm como função principal a articulação tópica, os MDs basicamente interacionais têm a função de indicar ou solicitar informações sobre a percepção interacional dos interlocutores em relação a outros enunciados no decorrer da interação verbal e sinalizar, de forma mais direta ou indireta, um envolvimento interpessoal, e são vinculados à organização e ao gerenciamento da fala (tanto dialógica, quanto monológica, como é o nosso caso). Sobre a função de orientadores da interação, Risso, Silva e Urbano (2015, p. 375) evidenciam que

[u]ma unidade é basicamente orientadora [...], quando há uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, ou deste ao falante, através, por exemplo, da busca de uma aprovação discursiva (como em *certo?*, *entende?*) ou da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro (*uhnuhn*). Nesse traço [...] se incluem também unidades que, embora possam corresponder a automonitoramentos, sinalizam formalmente um envolvimento interpessoal (como digamos).

Já evidenciamos acima os traços prototípicos dos dispositivos interacionais (Risso *et al.* 2015), aos quais temos que acrescentar cinco subfunções da função “basicamente orientador” (Urbano 2015, p. 456):

- a) fático de natureza imperativa e entoação exclamativa. São formas produzidas pelo falante corrente, mas orientadas diretamente para o ouvinte: *Olha!*, *Veja!*;
- b) fático de natureza ou entoação interrogativa, produzido após enunciado declarativo. São formas produzidas pelo falante após uma declaração também produzida por ele, como *né?*, *certo?*;
- c) fático de natureza e entoação interrogativa, produzido após enunciado interrogativo. São formas produzidas pelo falante após uma pergunta (retórica ou não) também produzida por ele, como *hein?*;
- d) *feedbacks*: São formas como *uhn uhn*, *certo*, produzidas pelo ouvinte e usadas normalmente em duas situações: 1) isoladamente, retroalimentando o falante e mantendo-o no seu papel discursivo; 2) no início do turno do ouvinte, possibilitando a este assumir o papel de falante;
- e) início de respostas formas ou de comentários. [...] São formas produzidas pelo interlocutor, ao tomar o turno, em respostas, ou como comentário a perguntas ou a comentário do falante anterior, como um *Ah*, de natureza exclamativa.

No nosso trabalho, focaremos principalmente nas subfunções b) e c), os dois fáticos de natureza e/ou entoação interrogativa –que podemos considerar, segundo Penhavel e Guerra (2011), subfunções de checagem em que está presente também a busca de aprovação discursiva (Risso *et al.* 2015) –, que registram o maior número de ocorrências numa modalidade “virtualmente” dialógica como a dos vídeos semidivulgativos *web-mediated*.

Entre os MDs interacionais que podem assumir a subfunção de checagem, podemos considerar os itens dessa lista: *ahn?*, *hem?*, *uhm?*, *certo?*, *entende?*, *entendeu?*, *não?*, *não é?*, *não é verdade?*, *é?* *né?*, *ok?*, *sabe?*, *tá?*, *tá certo?*, *tá claro?*, *viu?*.

Entretanto, é necessário assumir e esclarecer, na linha de Urbano (2015), que o conceito de interação, no nosso caso, sendo uma comunicação “virtualmente” dialógica

sem possibilidade de *feedback* e de outro tipo de participação, se refere principalmente ao processo de manifestação pessoal, quando o *speaker* de um texto acadêmico *web-mediated* “verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, envolvendo-se, pois com o conteúdo, ou compromete, retoricamente, seu interlocutor” (p. 454).

5. Resultados e discussão

Na nossa amostra, registramos 306 ocorrências de MDs interacionais de checagem, com uma diferença bastante nítida em relação ao seu emprego. Todavia, consideramos apenas duas dimensões de variação: a dimensão de variação diamésica, relativamente à tipologia e ao gênero textual e ao grau de monitoração estilística e, dentro da dimensão de variação diastrática, a variável gênero, apesar de um marcado desequilíbrio do número de dados/locutores, que iremos aprofundar na subseção 5.1.

Na nossa análise, não incluímos a variável idade, porque os *speakers* têm todos uma idade >30, portanto são falantes cujo conhecimento gramatical se encontra estabilizado e apresentaria poucas inovações também no uso dos MDs, sendo que é nos < 30 que se encontram mais inovações no emprego dos MDs (Sansò 2020).

Não incluímos a variável grau de escolarização, porque os *speakers* são todos pesquisadores e acadêmicos. Tratando-se, portanto, de falantes cultos urbanos. Além disso, os MDs encontrados na nossa amostra, apesar de sofrer uma certa estigmatização estilística, confirmada pelo número exíguo de MDs presentes no subcorpus FALA-ESCRITA [+monitorado], não têm um uso em relação indexical com a LSP objeto da nossa investigação, como pode acontecer com outros MDs que são reconhecidos como *in-group identity markers* (Brown, Levinson 1987).

5.1. A variação por gênero

No que se refere à variação por gênero, é preciso destacar que não existem muitos estudos que põem em relação direta o emprego de MDs e o gênero dos falantes. Na tradição dos estudos da Análise do Discurso, como aponta Sansò (2020, p. 92), emerge “un quadro piuttosto netto, che vede la preferenza da parte delle donne per uno stile discorsivo non aggressivo, più cortese, più sensibile allo *status* sociale degli interlocutori”. Esse tipo de considerações sobre a especificidade da fala das mulheres parece ter sido superado por toda uma série de análises menos impressionísticas e baseadas em dados objetivos, que mostram que, em termos quantitativos, não há diferenças relevantes de uso dos MDs entre os gêneros.

Quanto à nossa análise, temos que destacar que os 25 vídeos do subcorpus FALA-ESCRITA apresentam apenas *speakers* de gênero feminino, enquanto nos 29 textos do subcorpus FALA-FALA, estilisticamente [-monitorado], se registra uma discrepância entre o número de vídeos com *speaker* feminino (18) e de vídeo com *speaker* masculino (11).

Fazendo uma primeira computação por gênero, podemos ver (tabela 1) que os 82% das ocorrências totais dos MDs de checagem se registram na fala de *speaker* de gênero feminino.

Marcadores discursivos de checagem	F	M
ocorrências	251	55
porcentual	82%	18%

Tabela 1
Dados totais dos MDs de checagem por gênero nas duas amostras.

Como já antecipamos, no subcorpus FALA-ESCRITA não se registram vídeos com speaker de gênero masculino, portanto analisaremos, distinguindo-os por gênero, apenas os MDs presentes nos vídeos com speaker de gênero feminino e no subcorpus FALA-FALA.

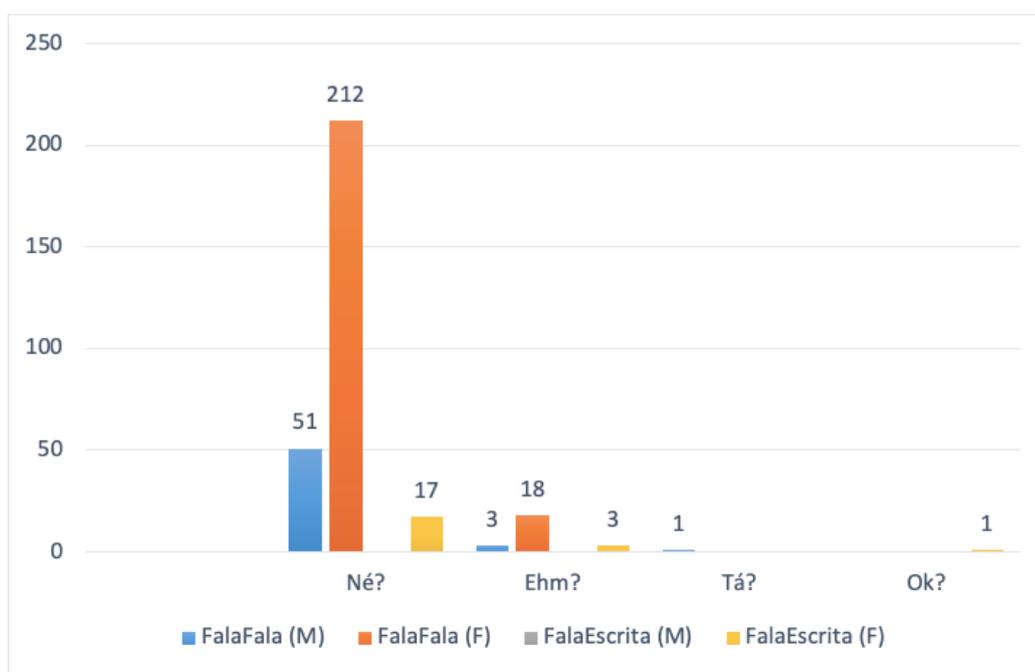


Gráfico 1
Dados relativos aos MDs de checagem distintos por gênero e por subcorpus.

Marcadores discursivos de checagem	Subcorpus FALA-FALA		Subcorpus FALA-ESCRITA		Total
	F	M	F	M	
<i>né? / não é?</i>	212	51	17	-	280
<i>Eh? / Ehm? / Hein?</i>	18	3	3	-	24
<i>ok?</i>	-	-	1	-	1
<i>tá?</i>	-	1	-	-	1
Total	230	55	21	-	306

Tabela 2
Dados relativos aos MDs de checagem distintos por gênero e por subcorpus.

Aquilo que emerge é uma discrepância, em termos de uso, que se torna ainda mais ampla se computarmos as ocorrências, distinguindo-as por gênero e por subcorpus (Tabela 2). De fato, se no subcorpus FALA-ESCRITA não há possibilidade de comparação, no subcorpus FALA-FALA os 81% das ocorrências (230 em 285) se concentram nos 18 vídeos com speaker feminino, enquanto nos 11 vídeos com speaker masculino, registramos apenas 55

ocorrências (19%).

O último aspecto que analisamos é a posição dos MDs na frase oral que, conforme Urbano (2015, p. 456), é considerada como “uma unidade comunicativa entonacionalmente delimitada e segmentada conforme os propósitos do falante e/ou as condições discursivas da produção coletiva do texto.”

Com tal propósito, verificamos a presença dos MDs interacionais nas três possíveis posições que eles podem ocupar (inicial, medial e final) e a função que eles exercitam em cada uma dessas posições.

Nos vídeos semidivulgativos *web-mediated* com speaker feminino do subcorpus FALA-ESCRITA, o MD *né?* (17 ocorrências) encontra-se 8 vezes em posição medial e 9 vezes e posição final, enquanto *eh?/ehm?* e *ok?* aparecem sempre em posição final. A propriedade de poderem aparecer em diferentes posições (como é o caso de *né?/não é?*) está intrinsecamente ligada ao caráter multifuncional dos MDs (Castilho, 1989; Marcuschi, 1989).

Quanto ao subcorpus FALA-FALA, nos vídeos com speaker masculino, o MD *né?* aparece 29 vezes em posição medial e 22 vezes em posição final, enquanto *eh?/ehm?* e *tá?* aparecem sempre em posição final. Nos vídeos com speaker feminino, pelo que se refere ao MD *né?*, este aparece 135 vezes em posição medial e 85 vezes em posição final, enquanto se registra a presença de *Eh?/Ehm?* 9 vezes em posição medial e 9 vezes em posição final.

Entretanto, se compararmos em termos percentuais o uso de *né?* no subcorpus FALA-FALA, distinguindo-o por gênero, emerge que não há grande diferença no uso quanto à posição.

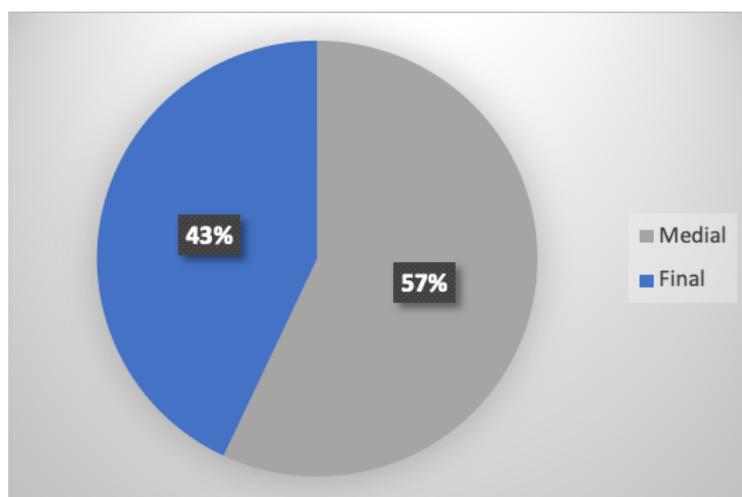


Gráfico 2
Posição de *né?* no subcorpus FALA-FALA (Gênero Masculino).

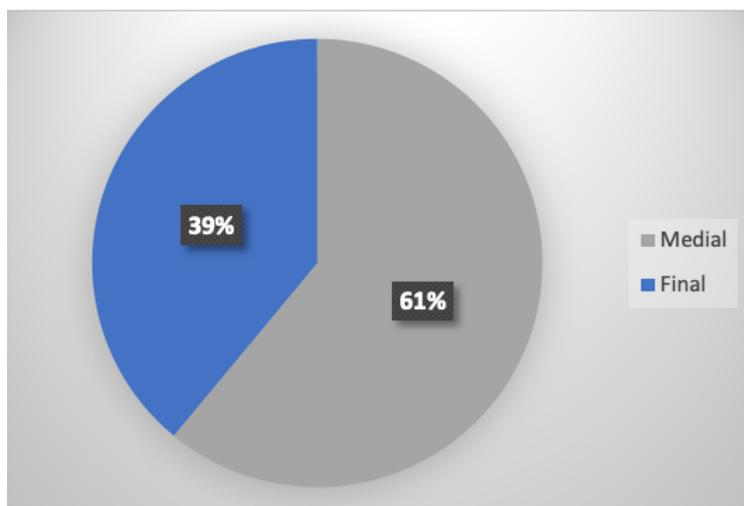


Gráfico 3
Posição de *né?* no subcorpus FALA-FALA (Gênero Feminino).

Claramente, essa constatação não cancela o enorme desequilíbrio de emprego dos MDs de checagem entre falantes de gênero diferente, mas nos faz constatar que o *né?* com função fática e subfunção de checagem, se apresenta, em termos percentuais, maiormente em posição medial e é empregado pelos speakers dos vídeos semidivulgativos *web-mediated* analisados para a sustentação da própria fala e para desenvolver suas ideias em relação ao objeto do próprio discurso.

5.2. A variação diamésica

Quanto à dimensão de variação diamésica e ao grau de monitoração estilística, o *continuum* tipológico dos gêneros textuais (Fig. 2), que vai do [+formal] ao [-formal], que apresentamos e descrevemos acima, e a arquitetura do PB (Fig. 5), destacam a relevância do canal-meio de comunicação, da tipologia e do gênero textual (*web-mediated*, no nosso caso) e da modalidade de comunicação, no *continuum* diamésico fala-escrita.

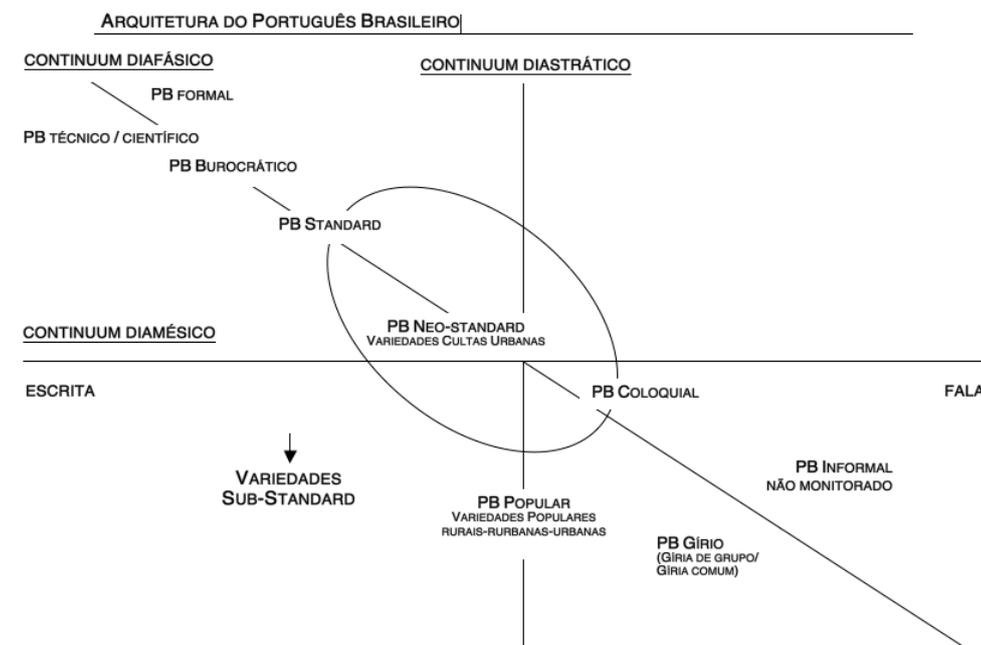


Figura 5
Arquitetura do português brasileiro (De Rosa 2011, 2012).

De fato, no subcorpus FALA-ESCRITA, subgênero [+monitorado], registramos apenas 21 ocorrências de MDs com subfunção de checagem, enquanto, como hipotizado na nossa proposta inicial em relação ao *continuum* relativo à monitoração estilística, é no subcorpus FALA-FALA, subgênero [-monitorado], que encontramos os 93% dos MDs interacionais da nossa amostra (285 em 306 ocorrências).

No que se refere ao subcorpus FALA-ESCRITA, registramos apenas 21 ocorrências, assim divididas: 17 ocorrências de *né?*, 8 ocorrências em posição medial da frase oral e 9 em posição final, 3 ocorrências de *eh?*, todas em posição final e 1 ocorrência de *ok?*, em posição final (Tabela 3).

Marcador discursivo	Ocorrências	Porcentual
<i>né?, não é?</i>	17	81%
<i>Eh?/Ehm?/Hein?</i>	3	14%
<i>ok?</i>	1	5%
Total	21	

Tabela 3
Dados relativos aos MDs de checagem no subcorpus FALA-ESCRITA.

Quanto ao subcorpus FALA-FALA, registramos 263 ocorrências de *né?* (159 em posição medial e 104 em posição final), 21 ocorrências de *Eh?/Ehm?/Hein?* (9 em posição medial e 12 em posição final) e 1 ocorrência de *tá?*, em posição final de frase oral (Tabela 4).

Marcador discursivo	Ocorrências	Porcentual
<i>né?, não é?</i>	263	92,2%
<i>Eh?</i>	21	7,3%
<i>tá?</i>	1	0,5%
Total	285	

Tabela 4

Dados relativos aos MDs de checagem no subcorpus FALA-FALA.

De uma certa forma, o fato de o subcorpus FALA-FALA registrar um número de ocorrências bem maior (94%) pode confirmar que uma maior monitoração estilística, contexto [+monitorado], limita o emprego de MDs basicamente interacionais de checagem.

6. Considerações finais

Os MDs interacionais que se registram na nossa amostra de dados evidenciaram que a preocupação tipológica presente em muita literatura sobre os MDs investe também (e justamente) o Discurso Especializado *web-mediated*. Além disso, também a hipótese inicial de que contextos mais monitorados do Discurso Especializado *web-mediated* pudessem limitar ou inibir o emprego de MDs interacionais de checagem foi confirmada pelos nossos dados.

Todas as ocorrências da nossa amostra se apresentam em forma de perguntas retóricas (*né?, tá?, hem?, ok?*). Portanto, ainda mais pelo fato de se tratar de vídeos semidivulgativos, comunicações especializadas *web-mediated* de tipo monológico ou, melhor, de tipo dialógico com voz pressuposta, não se prevê alguma possibilidade de *feedback*, que seria “a máxima reação do ouvinte condizente com o ato de checagem (Penhavel, Guerra 2011, p 164). Todavia, o emprego dos MDs Interacionais de checagem nos vídeos semidivulgativos *web-mediated* não pressupõe checar um – bastante implícito – entendimento do segmento discursivo antecedente, quanto sustentar a fala, devido ao fato que a pergunta retórica se refere à relação de interação e não ao conteúdo do texto, e destacar a incontestabilidade do enunciado como parte do conhecimento compartilhado entre speaker (especialista) e destinatário dos vídeos semidivulgativos *web-mediated*, tipologia textual semirrígida e semidivulgativa.

De um ponto de vista teórico, os dados aqui apresentados permitem evidenciar quanto a função interpessoal da língua seja composta por um nível psicológico que afeta a forma da mensagem e que responde a formas de apresentação e negociação do conteúdo proposicional que estão ligadas ao falante e não à interação em si (como os vídeos semidivulgativos *web-mediated* demonstram). De fato, os MDs, aproximando falante e ouvinte, atualizam o ato de fala, atribuem leveza ao conteúdo científico e simulam a interação, motivo primeiro da fala.

Portanto, esse gênero híbrido, à luz de quanto até agora apresentado, leva também a considerar uma possível reformulação da subfunção de checagem, pelo fato que elementos basicamente interacionais, como *não é?/né?*, são aqui usados com função de sustentação da própria fala e para desenvolver suas ideias em relação ao objeto do próprio discurso, em posição medial, e em busca de aprovação discursiva numa “interação”, em posição final, num diálogo com voz pressuposta, em que o destinatário ideal, no entanto, está ausente durante a interação.

Nota biográfica: Gian Luigi De Rosa, PhD, é professor associado de Língua e Traduzione – Língua Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi Roma Tre. Presidente da V edição do SIMELP - SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (Lecce em 2015, <http://www.simelp.it/>), atualmente é diretor do Centro de Língua Portuguesa CLP-Camões “Giulia Lanciani” e dirige a UniRomaTre Summer School of Audiovisual Translation. Visiting Professor na Universidade Federal de Goiás (2015), na Universidade Federal Fluminense (2019) e na Universidade de São Paulo (2022), é Principal Investigator e coordenador do Grupo de Pesquisa Internacional “I-FALA Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research” e é Pesquisador Convidado, entre os outros, do Grupo de Pesquisa Internacional “Teoria da Gramática e o Português Brasileiro” (UFSC); do Grupo de Pesquisa Internacional “Gramática do Português” da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL); do Projeto de Pesquisa Internacional “History, Circulation and Analysis of Literary, Artistic and Social Discourses” (UFF) e do Grupo de Pesquisa Internacional “Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao Redor do Mundo”. Autor de vários ensaios dedicados à língua, à linguística portuguesa e brasileira e à tradução audiovisual e intersemiótica, é também tradutor literário e audiovisual. Francesco Morleo, PhD, é pesquisador de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira no Departamento de Estudos Literários, Linguísticos e Comparados da Universidade de Nápoles “L’Orientale” (Itália). Membro do Grupo de Pesquisa Internacional “I-FALA Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research”. Membro da Cátedra Camões “Margarida Cardoso” (L’Orientale-Napoli). Membro de projeto de interesse nacional (PRIN) LEXECON. The Economic Teacher: A transnational and diachronic study of treatises and textbooks of economics (18th to 20th century). Intra- and interlingual corpus-driven and corpus-based analysis with a focus on lexicon and argumentation. Colabora com outras cátedras nacionais e internacionais para o desenvolvimento de estudos linguísticos sobre a língua portuguesa. Tem trabalhos de legendagem de produtos audiovisuais, e publicou artigos no âmbito da variação sociolinguística, da análise do discurso, da pragmática linguística e da análise conversacional.

e-mail: gianluigi.derosa@uniroma3.it; fmorleo@unior.it

Referências bibliográficas

- Bazzanella C. 1985, *L'uso dei connettivi nel parlato: alcune proposte*, in Franchi De Bellis A. e Savoia L. (eds.), *Sintassi e morfologia della lingua italiana d'uso. Teorie e applicazioni descrittive*, atti del XVII convegno SLI, Urbino, pp. 83-94.
- Bazzanella C. 1990, *Phatic connectives as interactional cues in contemporary spoken Italian*, in "Journal of Pragmatics" 14[4], pp. 629-647.
- Bazzanella C. 1994, *Le facce del parlare. Un approccio pragmatico all'italiano parlato*, La nuova Italia, Firenze/Roma.
- Bazzanella C. 1995, *I segnali discorsivi*, in Renzi L., Salvi G., Cardinaletti A. (eds.) *Grande grammatica italiana di consultazione, Vol. III. Tipi di frase, deissi, formazione delle parole*, Il Mulino, Bologna, pp. 225-257.
- Bazzanella C. 2001, *Segnali discorsivi e contesto*, in Heinrich W., Heiss C. (eds.), *Modalità e Substandard. Abtönung und Substandard*, Clueb, Bologna, pp. 41-64.
- Bazzanella C. 2008, *Linguistica e pragmatica del linguaggio. Un'introduzione*, Laterza, Roma-Bari.
- Blakemore D. 1987, *Semantic Constraints on Relevance*, Blackwell, Oxford.
- Bortoni-Ricardo, S.M. 2005, *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & Educação*, Parábola, São Paulo.
- Brown, P. e Levinson, S.C. (1987), *Politeness: Some universals in language usage*, Cambridge University Press.
- Castilho, A.T. (1989), *Para o estudo das unidades discursivas no português falado*, in Castilho, AT. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Ed. da UNICAMP, Campinas, pp. 249-279.
- Cavagnoli S. 2007, *La Comunicazione specialistica*, Carocci, Roma.
- Cortelazzo, M. 1994, *Lingue speciali*, Padova Unipress, Padova.
- Dardano M. 2008, *Capire la lingua della scienza*, in Dardano M. e Frenguelli G. (eds.), *L'italiano di oggi*, Aracne, Roma, pp.173-188.
- De Rosa G.L. 2011, *Reflexos do processo de restandardização do PB no falado filmico brasileiro contemporâneo*, in Silva, A. Soares da, Torres, A. e Gonçalves M. (eds.), *Linguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions*, Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, pp. 377-392.
- De Rosa, G.L. 2012, *Mondi Doppiati. Tradurre l'audiovisivo dal portoghese tra variazione linguistica e problematiche traduttive*, Franco Angeli, Milano, 2012, pp. 152.
- De Rosa, G.L. 2020a, *Características da fala acadêmica monitorada no Brasil: os videoverbetes da ENCIDIS entre PB técnico-científico e PB neo-standard*, in "Cultura Latinoamericana. Revista de Estudios Interculturales", 32 [2], pp. 238-261.
- De Rosa, G.L. 2020b, *O discurso científico mediado pela web. Legendar videoverbetes entre tipologias textuais, línguas especiais e problemáticas tradutórias*, in De Laurentiis A. e De Rosa G.L. (eds.) *Discurso specialistico e multimedialità. Caratteristiche linguistiche e problematiche traduttive*, "Lingue e Linguaggi" 35, pp. 29-45.
- Duarte, M.E.L. 2020, *A sintaxe do português do Brasil: entre a fala e escrita padrão*, in Netto, S.S. (Org.), *Temas da Língua Portuguesa: do pluricentrismo à didática*. Roma, Edizioni Nuova Cultura, pp. 131-152.
- Duarte, M.E.L., Gomes, C.A. e Paiva, M.C.A. 2018, *The implementation of endogenous syntactic features in Brazilian standard writing*, in Murh, R. e Meisnitzer, B. (Orgs.), *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide: New Pluricentric Languages - Old Problemas*, Peter Lang, Berlin, pp. 429-442.
- Duarte, M.E.L., Gomes, C.A. e Paiva, M.C.A. 2022, *Beyond the dichotomy Dominant and Non-Dominant varieties of Pluricentric Languages: the case of Brazilian Portuguese*, in Muhr, R., Duarte, E., Rodrigues C. e J. Thomas (Orgs.), *Pluricentric Languages in the Americas*, CPL Press, Berlin, v. 1, pp. 157-172.
- Duarte, M.E.L e Serra, C.R. 2015, *Gramática(s), ensino de português e adequação linguística*, in "Matraga", v. 22, pp. 31-55.
- Faraco, C. A. 2008, *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*, Parábola, São Paulo.
- Faria I.H., Ribeiro Pedro E. e Duarte I. (1996), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- Fischer, K. 2006, *Towards an understanding of the spectrum of approaches to discourse particles*, in Fischer

- K. (ed.) *Approaches to Discourse Particles*, Amsterdam, Elsevier, pp.1-20.
- Fraser B. 1999, *What Are Discourse Markers?*, in “Journal of Pragmatics”, 31, pp. 931-952.
- Fraser B. 2006, *Towards a theory of Discourse Markers*, in Fischer, K. (Ed.), *Approaches to Discourse Particles*, Elsevier, Amsterdam, pp.189-204.
- Fuller J.M. 2003, *The influence of speaker roles on discourse marker use*, in “Journal of Pragmatics”, 35, pp. 23-45.
- Galembeck, P.T., Silva L. A. e Rosa M.M. 1990, *O turno conversacional*, in Preti D. e Urbano H. (eds.), *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. vol. IV – Estudos*, T. A. Queiroz/FAPESP, São Paulo, pp. 49-98.
- Gotti M. 1991, *I Linguaggi Specialistici. Caratteristiche linguistiche e criteri pragmatici*, La Nuova Italia, Firenze.
- Gualdo R. 2019, *La variazione nella comunicazione specialistica*, in Visconti J. (ed.), *Parole nostre. Le diverse voci della comunicazione specialistica e settoriale*, Il Mulino, Bologna.
- Gualdo, R. e Telve S. 2011, *Linguaggi specialistici dell'italiano*, Carocci, Roma.
- Guerra, A. R. 2007, *Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos*, Dissertação, Mestrado em Análise linguística Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- Jubran, C.S. e Koch, I.G.V. (orgs.) 2006, *Gramática do português culto falado no Brasil, Vol. 1, A construção do texto falado*, Edit. da UNICAMP, Campinas.
- Jubran, C.S. 2007, *Uma gramática textual de orientação interacional*, in Castilho, A. T., Morais, M.A.T.; Lopes, R.E.V. e Cyrino, S.M. (orgs.), *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, Pontes FAPESP, Campinas, pp. 313-327.
- Jubran, C.S. (org.) 2015, *Gramática do português culto falado no Brasil, Vol. 1, A construção do texto falado*, Editora Contexto, São Paulo.
- Kyrtzsis, A. and Ervin-Tripp, S. 1999, *The development of discourse markers in peer interaction*, in “Journal of Pragmatics”, 31[10], pp.1321-1338.
- Lenk U. 1998, *Discourse markers and global coherence in conversation*, in “Journal of Pragmatics”, 30, pp. 245-257.
- Lopes A.M.C. 1997, *Então: elementos para uma análise semântica e pragmática*, in “Actas do XII Encontro nacional da APL”, vol. 1, Lisboa, Colibri, pp. 177-189.
- Lopes A.M.C 2016, *Discourse markers*, in Wetzels L., Costa J. and Menuzzi S. (eds.), *The handbook of Portuguese linguistics*, pp. 441-456.
- Marcuschi L. A.1989, *Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições*, in Castilho A. (ed.), *Português culto falado no Brasil*, Ed. da UNICAMP, Campinas, p. 281-322.
- Marcuschi, L. A. 2008, *Oralidade e Letramento. Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, Cortez, São Paulo, pp. 15- 43.
- Mariani B. 2018, *Linguagem, conhecimento e tecnologia: a Enciclopédia Audiovisual da Análise do Discurso e áreas afins*, in “Linguagem & Ensino”, 21(Esp), pp. 359-393.
- Mariani B. 2020, *La produzione e la circolazione del sapere su piattaforme digitali: lo status del portoghese brasiliano in un'enciclopedia digitale sottotitolata*, in De Laurentiis A. e De Rosa G.L. (eds.), “Lingue e Linguaggi”, 35, *Discorso specialistico e multimedialità. Caratteristiche linguistiche e problematiche traduttive*, pp. 13-28.
- Morleo F. 2018, *I marcatori discorsivi nel portoghese europeo*, in “Working Papers”, Siba-Unisalento.
- Orsini, Alves e Silva, 2018, *Construções de tópico pendente com retomada na escrita culta brasileira: sujeito preenchido x sujeito nulo*, in “Diadorim” vol. 20 – Especial, Rio de Janeiro, pp. 592-609.
- Penhavel E. 2010, *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*, Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Penhavel E., Guerra A.R., 2011, *A subfunção interacional de “checagem” na gramática textual-interativa*, in “Diadorim”, , Volume 10, Rio de Janeiro, pp. 158-173.
- Pinto J. Lima de 1996, *O papel da semântica e da pragmática no estudo dos conectores*, in Faria I.H., Ribeiro Pedro E. e Duarte I. (eds.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- Preti, D. e Castilho, A. T. 1987, *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: Materiais para seu Estudo - Diálogos entre Dois Informantes*, FAPESP, São Paulo.
- Risselada R. and Spooren W.1998, *Introduction: Discourse Markers and coherence relations*, in “Journal of pragmatics”, 30, pp. 131-133.
- Risso, M. S. 1999, *Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado* in Neves, M.H.M. (eds.), *Gramática do português falado vol. 7, Novos Estudos*, Edit. da UNICAMP, Campinas, pp. 259-296.

- Risso, M. S., Silva, G. M. O. and Urbano, H. 1996, *Marcadores discursivos: traços definidores* in Koch I. G. V. (eds.), *Gramática do português falado vol. 6, Desenvolvimentos*, Edit. da UNICAMP/FAPESP, Campinas, pp. 21-94.
- Risso, M. S., Silva, G. M. O. And Urbano, H. 2006, *Traços definidores dos Marcadores Discursivos*, in Jubran, C.S. e Koch, I. G. V. (orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil, vol.I: Construção do texto falado*, Editora da UNICAMP, Campinas, pp.403-425.
- Risso, M. S., Silva, G. M. O. e Urbano, H. 2015, *Traços definidores dos Marcadores Discursivos*, in Jubran, C.S. (org.), *Gramática do português culto falado no Brasil – v.1: A construção do texto falado*, Contexto, São Paulo, pp. 371-390.
- Sabatini F. 1990, *Rigidità-esplicitzza vs elasticità-implicitzza: possibili parametri massimi per una tipologia dei testi*, in Skytte G. e Sabatini F. (eds.), *Linguistica testuale comparativa*, Museum Tusulanum Press.
- Sabatini F. 2016, *Lezione di italiano. Grammatica, storia, buon uso*, Mondadori, Milano.
- Sansò A. 2020, *I segnali discorsivi*, Carocci, Roma.
- Schiffrin, D. 1987, *Discourse markers*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Sobrero A.A. 2006, *Lingue Speciali*, in Sobrero A.A. (ed.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi. Vol. 2*, Laterza, Roma-Bari, pp. 237-277.
- Tarallo, F. 1993, *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX*, in Roberts, I. e Kato M.A. (eds.), *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*, Editora Unicamp, Campinas, pp. 69-105.
- Urbano H. 2006, *Marcadores discursivos basicamente interacionais*, in Jubran, C. C. A. S. and Koch, I. G. V. (eds.), *Gramática do português culto falado no Brasil – v.1: A construção do texto falado*, Edit. da UNICAMP, Campinas, pp. 49-527.
- Urbano, H. 2015, *Marcadores discursivos basicamente interacionais*, in Jubran, C.S. (org.), *Gramática do português culto falado no Brasil – v.1: A construção do texto falado*, Editora Contexto, pp. 453-480.